



palavra

Analía Gonzalez Gamez
Beth Vilasboas
Carol Miskalo
Claudio Salvador
Daryanne Cintra
Delfina Acosta
Fábio Campana
Francisca Messa
Guzmán Chaves
Isabel Sala
Ludmila Rodrigues
Nathália Vieira
Negendre Arbo
Paulo Bogler
Silvio Campana
Vírginia Allan

olhos

Adilson Borges
Adolfo Montejo Navas
Áurea Cunha
Claudio Siqueira
Daiane Pereira Rodrigues
Denise Paro
Harry Schinke
Vânia Pierozan
Yuma Martellanz



escrita 24

guatá - cultura em movimento - junho 2012

Zeppelin Old Bar

A CASA DA BOA MÚSICA!

ACOMPANHE ZE NO flickr

www.flickr.com/photos/zeppelinoldbar



City Bier

PETISCARIA



Sabor e descontração
no coração da cidade!

Chopp e cervejas
Bebidas destiladas
Vinhos finos
Drinques e sucos naturais
Petiscos e pratos regionais

De Segunda a Sábado, serviço a la carte, a partir das 16 horas
Aos sábados, almoço com cardápio especial em buffet livre.

Reservas pelos fones: ⁴⁵ 3025.3977 e 9954.3969
Mal. Deodoro, esq. com Quintino Bocaiuva, CENTRO, Foz do Iguaçu, Pr.



Residencial BARCELONA

A Construtora Taquaruçu volta ao mercado de apartamentos residenciais com o **Residencial Barcelona**, um empreendimento no Centro de Foz, com lazer, conforto, segurança e uma vista deslumbrante do Rio Paraná.



GARANTIA TAQUARUÇU

Qualidade, preço e atendimento.
Há 38 anos no mercado de Foz do Iguaçu.

CENTRAL DE VENDAS
45 3572-4490

 **construtora
TAQUARUÇU**

www.construtorataquarucu.com.br

Rua Xavier da Silva, 1141 • Centro • Foz do Iguaçu-PR



tirando de letra

CESAR VALLEJO

LA CENA MISERABLE

Hasta cuándo estaremos esperando lo que
no se nos debe... Y en qué recodo estiraremos
nuestra pobre rodilla para siempre! Hasta cuándo
la cruz que nos alienta no detendrá sus remos.
Hasta cuándo la Duda nos brindará blasones
por haber padecido!...

Ya nos hemos sentado
mucho a la mesa, con la amargura de un niño
que a media noche, llora de hambre, desvelado...
Y cuándo nos veremos con los demás, al borde
de una mañana eterna, desayunados todos!
Hasta cuándo este valle de lágrimas, a donde
yo nunca dije que me trajeran.

De codos
todo bañado en llanto, repito cabizbajo
y vencido: hasta cuándo la cena durará.
Hay alguien que ha bebido mucho, y se burla,
y acerca y aleja de nosotros, como negra cuchara
de amarga esencia humana, la tumba...

Y menos sabe
ese oscuro hasta cuándo la cena durará!



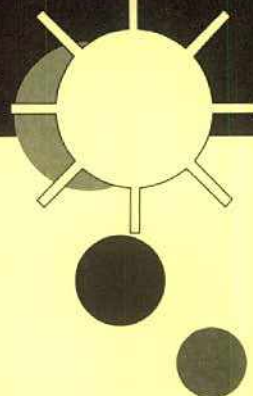
Cesar Vallejo, escritor peruano.

”



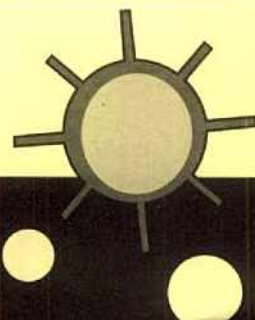
escrita

03



memória

Harry Schinke registrou a festa junina de 1937,
no antigo Oeste Paraná Clube, no centro de Foz do Iguaçu, Pr..





escrita 24

- 03 - Tirando de Letra - Cesar Vallejo
- 04 - OLHOS - Memória - Harry Schinke
- 06 - OLHOS - Adolfo Montejo Navas
- 07 - Epidemia de Poesia - Carol Miskalo
- 08 - OLHOS - Áurea Cunha
- 09 - Epidemia de Poesia - Daryanne Cintra
- 10 - OLHOS - Memória - Dois Pitungas
- 11 - Epidemia de Poesia - Guzmán Chaves
- 12 - OLHOS - Adilson Borges
- 13 - "Nosso caminho para as Índias" - Fábio Campana
- 16 - OLHOS - Claudio Siqueira
- 18 - OLHOS - Daiane Pereira Rodrigues
- 19 - "Despertate Pueblo" - Analía Gamez González
- 20 - " - Isabel Sala
- 21 - "Missão cumprida" - Beth Vilasboas
- 22 - OLHOS - Vânia Pierozan
- 23 - Nathália Vieira
- 24 - OLHOS - Denise Paro
- 25 - Epidemia de Poesia - Ludmila Rodrigues
- 26 - Epidemia de Poesia - Claudio Salvador
- 27 - OLHOS - Cleber Pavão
- 28 - Olhos & Palavras - Delfina Acosta, Francisca Messa, Negendre Arbo, Virginia Allan e Yuma Martellanz
- 30 - Um Toque - Paulo Bogler



NA CAPA:

Grupo de Dança prepara sua subida ao palco durante as atividades culturais do "18 de maio", na Praça das Nações, em Foz do Iguaçu, Pr. Foto de Áurea Cunha

Já é junho e o ano 2012 voa. Enquanto alguns incautos ainda fazem conta sobre pretensas indicações contidas no

"calendário maia" sobre o final do mundo, logo mais em dezembro, preferimos aceitar simplesmente que o inverno chegou.

E para enfrentar o rigor dessa nova estação, reunimos um time de bons autores e suas crias artísticas. A elas somamos a reflexão, emprestada do toque dado pelo ativista Paulo Bogler, sobre pluralidade e diálogo intercultural. Segundo ele, não há nada que reconstrua tanto a nossa identidade e, reforce a força do viver do que reconhecer o "outro". Pois é na experiência do convívio e de trocas interculturais que renovamos o conhecimento e nossas soluções para o mundo. Talvez aí, a fórmula de salvá-lo.

Guatá
cultura em movimento

Visite-nos:
www.guata.com.br

twitter:
[guata_cultura](https://twitter.com/guata_cultura)

facebook:
[guata cultura em movimento](https://www.facebook.com/guata.cultura.em.movimento)

Contate-nos:
guata@guata.com.br

Escrita é uma publicação da Associação Guatá - Cultura em Movimento, entidade de finalidade artística cultural, sediada em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da entidade.

Conselho editorial: Carlos Luz, Maria Benedita, Paulo Bogler, Richard de Souza e Silvio Campana

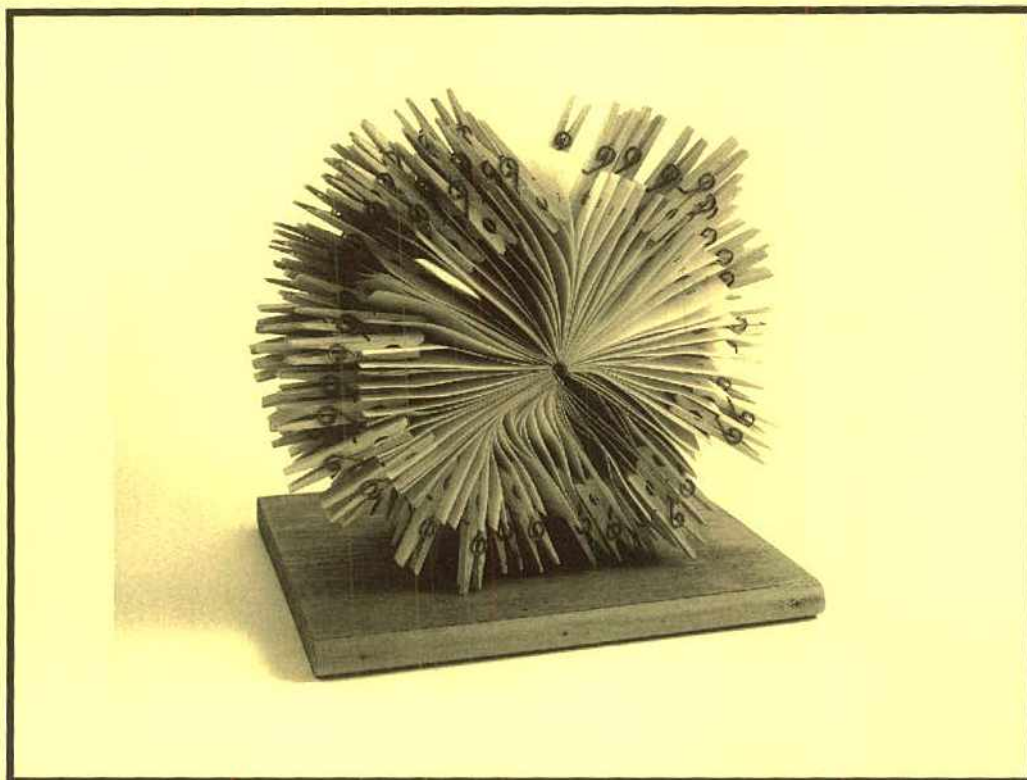
Editor: Silvio Campana - Mtb 20572 - 3023/11131.

Revisão: Carmen dos Santos - **Foto da Capa:** Yuma Martellanz
Projeto Gráfico: Silvio Campana

Colaboram nesta edição: Adilson Borges, Adolfo Montejo Navas, Analía Gamez González, Áurea Cunha, Beth Vilasboas, Carol Miskalo, Claudio Salvador, Claudio Siqueira, Cleber Pavão, Daiane Pereira Rodrigues, Daryanne Cintra, Denise Paro, Delfina Acosta, Fábio Campana, Francisca Messa, Guzmán Chaves, Isabel Sala, Ludmila Rodrigues, Nathália Vieira, Negendre Arbo, Paulo Bogler, Vânia Pierozan, Virginia Allan e Yuma Martellanz

Fotolitos e impressão: Gráfica Ideal. **Tiragem:** 2 mil exemplares

 Silvio Campana



leitura

A fotografia é de uma das peças da instalação "Outros Livros - Vitrine" do poeta, crítico de arte e multimídia, **Adolfo Montejo Navas**.

Adolfo é espanhol e atualmente vive em Foz do Iguaçu, Pr.

miskalo

carol



nós

nós

num mundo
sós
sem nossa
voz
presos pelo
algoz
um ser cruel
feroz
um ser doente
atroz
nós
sem um retrós
nós
sem contras sem
prós

nós
nós
nós

em um algo que talvez não exista
após



Carol Miskalo é poeta e professora em Foz do Iguaçu, PR.



Iguassu
Boulevard

- Cinemas
- Boliche
- Sinuca
- Jogos eletrônicos
- Baby Park
- Lojas
- Praça de Alimentação

Estacionamento coberto e gratuito

Aberto, diariamente,
a partir das 15 horas

Avenida das Cataratas, 1118
Vila Yolanda - Fone: (45) 3523 4245
Foz do Iguaçu - Paraná
www.iguassuboulevard.com.br

Áurea Cunha
fotografias



Retratos
Reportagens
Publicidade
Filmagens
Tratamento e edição
de imagens digitais

Tel: (45) 9977.4490
aureamcunha@yahoo.com.br



infância

Fotografia de Áurea Cunha,
tomada durante as manifestações artísticas
do dia 18 de maio, data de combate
à exploração sexual de crianças e adolescentes.
Na Praça das Nações, em Foz do Iguaçu, PR.
Áurea Cunha é fotojornalista.

Há quem diga seja impossível viver de amor...
Há quem diga que não se é possível ser feliz, ainda que pobre...
Há que diga que a felicidade nunca esta em nós, ela 'mora ao lado'...

Há quem diga que amar o próximo como a si mesmo, é só mais um ditado...
Há quem diga que o importante é viver o agora, e deixar o depois,
literalmente pra depois...

Há quem diga desconhecer a verdade...
Há quem diga acreditar ainda em sonhos...
Há quem diga que o impossível pode acontecer...
Há quem diga que o impossível é impossível...

Há quem diga que Deus é o dono do mundo...
Há quem diga ser o dono do mundo...
Há quem diga que amizade entre homem e mulher não existe...
Há quem diga que viveu uma amizade assim...

Há quem diga que o banho quente faz bem a pele...
Há quem diga que o banho frio é melhor...
Há quem diga que não se deve dar esmolas...
Há quem diga que ajudar o próximo é dever...

Há quem diga que não se deve sofrer por amor...
Há quem diga que sofrer por amor é inevitável...
Há quem diga que de amor ninguém morre...

Há quem diga que já morreu por amor...
Há quem diga que um sorriso nada vale...
Há quem diga que um sorriso salva a vida...

Procuramos respostas que nos limitam... Procuramos razões
nas quais nem existem. A sorte é que somos todos diferentes.



Daryanne Cintra é estudante de Jornalismo em Foz do Iguaçu, Pr.

epidemia
de poesias

MEGAFONE



Projeto
de comunicação
cidadã

www.megafone.inf.br

VIGIANTO

Falls Park

Mudas frutíferas
e ornamentais

Fones: (45) 3573.1044
e 9124.6802

Rua Itapemirim, 101
Beverly Falls Park
Foz do Iguaçu - Pr.



Sigilu's

Contabilidade e Assessoria Ltda.

Fone: (45) 3523.5886

e-mail: sigilus@foznet.com.br
Rua Rui Barbosa, 361, Centro
Foz do Iguaçu, Paraná

Mariza Lios

Instituto de Beleza



Tratamento facial
e corporal

Marque sua hora:
Fone: (45) 3572.6910
Cel: (45) 9967.0295
e 8422.5300

dois pitungas

Na passagem da década de 70 para a de 80, Foz do Iguaçu ouvia os “Pitungas Boy’s”, um jeito de ser inventado pelo **Marujo** (piston), pelo **Tôto Palma** (violão) e mais uma dezena de amigos da boemia e da seresta.

Palma, já falecido, foi artista circense, proprietário do primeiro cinema da cidade e amante da boa música,

Argemiro dos Santos, “O Marujo”, futebolista e trompetista tarimbado, veio para a cidade em 1947, ainda engajado nas fileiras da Marinha, e passou a embalar, desde então, a vida da fronteira com seu pulmão de aço.



La belleza del momento que percibe un complemento

Fue la caída del sol como tantas otras veces,
la que me regaló ensueños.

En la noche gris por demás, sin estrellas contemplativas,
el resguardarme en calma era la opción.

La calma rompió armonías al ver desvelada a la mujer tan dulce,
sencilla por demás, tímida con exactitud, de guiños perfectos,
causa la confusión que escapa de mi realidad silenciosa.

No se si ha sido mi mente o mi corazón inquietante,
el que ha encontrado en sus ojos,
en su boca o en su esbelta silueta, la compañera infortunada
que quite mis sueños o ponga en mi dormir
la inalcanzable sensación de que duerma en mi pecho,
de compartirle mi corazón.

Talvez esta tregua que llevo a diario, sin encontrarle comienzos,
ni finales, condene a mis labios, también a mis manos,
de regalar los gestos más tiernos y sinceros; crecidos del alma
enfrentan las rejas, de este cárcel privada de compartir amor,
que ni siquiera se deja poner pena y condena,
y consuela habituada este pasar sereno,
con la promesa de un sabio que la gloria se acerca,
dejándome encontrar el ser que apacigüe mis llantos,
tan des-lagrimados que ni gritos
permiten a este hombre paciente...



Guzmán Chaves, uruguaio,
é estudante de Antropologia na UNILA, em Foz do Iguaçu, PR.

Vista esta camisa!



camisetas poéticas
da guatá

Pedidos pelo email:
guata@guata.com.br



lalan bessoni

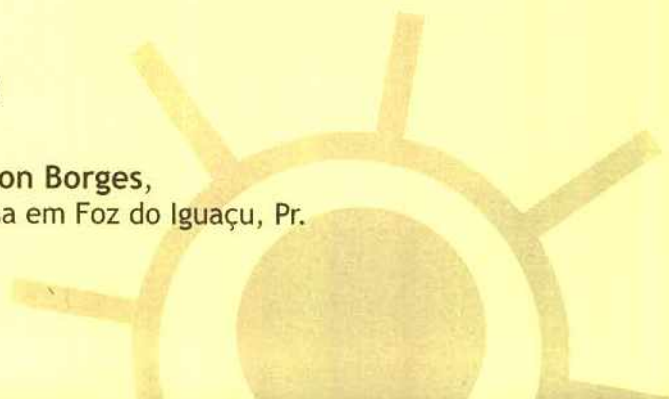
ILUSTRAÇÃO
& DESIGN GRÁFICO

www.flickr.com/lalanbessoni
lalanbessoni@gmail.com



atropelando

Fotografia de Adilson Borges,
assessor de imprensa em Foz do Iguaçu, Pr.



Nosso caminho para as Índias

O Paraná iniciou a sua história como trilha da cobiça em busca de um equívoco. Os navegantes que vinham fazer fortuna nesta região do planeta seguiam pelo Peabiru, caminho aberto pelos índios que poderia levá-los ao império de um soberano branco, sua terra de prata, suas cidades e templos repletos de tesouros à espera do primeiro saqueador. Maior e mais rico que o México, calculavam, baseados nos relatos dos nativos e em desmedidas esperanças.

Em 1547, o espanhol Domingos de Irala conseguiu chegar, afinal, ao território de Charcas. Em prantos de absoluta frustração confirmou a lenda e o engano que mobilizou várias expedições em longa sucessão de naufrágios, massacres e sacrifícios que jamais seriam recompensados. O império existia. Era o Peru. O soberano branco era o Inca. A serra de prata era Potosi. Mas tudo já fora conquistado em 1531, por Francisco Pizarro.

Pelo Peabiru, que cruzava o Paraná de leste a oeste, passaram várias tentativas de descobrir o império já conquistado. Aleixo Garcia comandou a primeira. Pero Lôbo e o Bacharel de Cananéia prometeram a Martín Afonso de Souza voltar com quatrocentos escravos carregados de ouro. Foram todos mortos e deglutidos. Don Alvar Nuñez Cabeza de Vaca conseguiu chegar a Assunção em 1542. Ao continuar em direção ao Peru, foi impedido pela febre dos pântanos e pelos guaicurús, índios aguerridos, que logo perderam o medo e dominaram o cavalo, grande trunfo dos conquistadores.

Peabiru, o caminho do percurso que se inicia, na linguagem pleonástica dos nativos. Duzentas léguas, oito palmos de largura, sempre cercado por uma erva que servia para mascar ou fumar. Erva-mate, na compreensão de alguns. Apenas bambuzais, segundo botânicos. Só poderia ser ela, a própria, a maconha, enfartam de

alegria os autodidatas que defendem a tese do uso natural e legítimo da espécie desde remotíssimas eras antes da chegada de Cabral.

Foram longas jornadas pelos sertões do Paraná. Ruiz Dias e Melgarejo, um sevilhano que acompanhou Cabeza de Vaca, fala do desconforto a que se submeteram durante meses na paisagem estranha, imersos no caos de catinga e insetos, cansaço e privações, obrigados à convivência com os índios e, pior, com o pequeno exército arrebanhado na escória dos portos espanhóis, onde não faltavam fugitivos, criminosos, loucos não declarados e frades corrompidos. Conta os esforços para ultrapassar as terras vertiginosas na serra do mar, as paisagens de pedra que se erguem no meio dos campos, as florestas quase impenetráveis, tão espessas que cobriam o céu, tão escuras que lembravam o inferno. Os rios, tão caudalosos quanto o Guadalquivir, que se lançam em cataratas impressionantes.

Desses primeiros visitantes ficaram os fragmentos de crônicas, hoje dispersos em vasta bibliografia e em vários idiomas. São frutos da observação de homens sinceros e, às vezes, fantasiosos. Bem distintos dos enfadonhos relatórios oficiais, preferidos pelos historiadores, que já continham os defeitos de estilo desse tipo de literatura em versão atual: a linguagem da burocracia, culto da personalidade, divulgação de feitos nem sempre comprováveis e farta bajulação dos governantes.

Os relatos, com frequência, se assemelhavam a aventuras da imaginação. Devemos compreender que eram homens dos descobrimentos, do século das luzes, mas que mantinham ao menos parte da consciência encarcerada na Idade Média. Acreditavam em sereias, viam dragões, bruxas e demônios. Estavam diante do novo e para classificá-lo dispunham apenas dos recursos da comparação. Um desses navegantes viu um engendro animal com corpo de camelo, cabeça e orelhas de mula, patas de veado e relincho de cavalo. Viu também alcatrazes sem língua com bico parecido com uma colher. Pássaros sem pata cujas fêmeas chocavam nas costas do macho. Porcos com umbigo no lombo e prognatismo mais acentuado que o de Carlos V, rei de Espanha que nunca conseguiu fechar a boca. Não é de estranhar que registrassem comunidades de homens raros mais reais, como o são hoje, no mundo da zoologia, o ornitorrinco e o celacanto, que ainda nos surpreendem. Gente com orelhas enormes que podia deitar-se sobre elas no verão ou cobrir-se no inverno. Gente de aparência humana e intelecto asiniso. Dizem os estudiosos que não há vestígios destes povos na atualidade. Não é verdade. Se pusermos atenção à

nossa volta veremos exemplares que trazem nítida parcela dessas heranças, irremediavelmente entranhadas em seu código genético. E outras, mais constrangedoras. Antiga é a dúvida: fantasias dos navegantes ou espécies extintas? A discussão, é óbvio, tem a mesma relevância que a polêmica sobre o sexo dos anjos. Importante é o legado de impressões que recebemos nas crônicas. Para irritar os céticos, lembramos os antropólogos que estão convencidos de que os males de cepas importantes fizeram grande extermínio e teriam atingido com maior força as raças fora de padrão, como os gigantes patagões descritos por Antonio Pigafetta.

Dizem também os estudiosos que essas descrições foram contestadas em sua época. Argumentação inútil. Perdurava o poder da Igreja nos desmentidos. Todo conhecimento novo que pudesse excitar a curiosidade e desmentir as escrituras era recebido com hostilidades. Foi o que encurralou Galileu, levou Servet e Bruno à fogueira, jogou Marco Polo num calabouço e estabeleceu que Cristóvão Colombo era louco porque insistia em provar que a terra era redonda e que poderia chegar ao oriente pelo caminho inverso usado até então.

Abandonemos as controvérsias para fruir as narrativas sobre os hábitos e costumes dos primeiros paranaenses. Antes, é necessário recusar a versão oficial sobre os guaranis, urdida pelos jesuítas para fins proselitistas. Nossos índios são apresentados como monoteístas, crédulos no céu e no inferno e na imortalidade da alma. Gente assim jamais praticaria a antropofagia. Não foram esses os guaranis

que o atormentado Cabeza de Vaca enfrentou por aqui em 1542. Ele nos proporciona, em seus Comentários, uma breve exposição da dieta guarani. "São lacradores, semeiam duas vezes ao ano o milho e também semeiam o cazabi (mandioca), criam galinhas à maneira de nossa Espanha, e aptos; têm em suas casas muitos papagaios e todos falam uma só língua. Comem carne humana, assim de índios seus inimigos, com quem têm guerra, como de cristãos, e ainda eles mesmos se comem uns aos outros". Como se vê, a verdade oficial costuma resvalar para a ficção quando é de seu interesse.

Antropofagia tinha caráter religioso em algumas tribos. O inimigo era deglutido e, quando excrementado, estava livre de suas impurezas e seu espírito podia vagar em paz. Portanto a deglutição era um favor feito ao adversário. Em troca, o comensal, além dos prazeres da mesa, retinha a valentia e a força do extinto. Em outras aldeias, o canibalismo era mero hábito culinário. Aos homens, as partes nobres, às mulheres as vísceras e, para as crianças, o coração e as amígdalas. Para beber, o cauim, do milho fermentado com a saliva das mulheres núbeis.

Os relatórios oficiais e religiosos também procuram esconder as narrativas escandalizadas sobre a frenética sexualidade de nossos ancestrais. Libertinagem sem princípios que admitia tudo, incluindo os pecados nefandos. Mas nada que os espanhóis e portugueses já não tivessem praticado em terras de Ibéria ou durante as longas e angustiantes travessias oceânicas. De

novidade, mesmo, um método para assegurar o priapismo. Mas tão doloroso que foi desaconselhado pelos marinheiros de primeira viagem. Não estavam preparados para as picadas lacerantes de uma espécie de formiga muito voraz. Excluído, os ibéricos aderiram sem freio e sem culpa a todos os outros vícios locais. Especialmente alguns clérigos, como os franciscanos Bernaldo de Armenta e Alfonso Lebrón, que desenvolveram a original teoria: a luxúria como para compreensão da alma e dos apetites do gentio.

Quebrada a resistência, os índios facilitaram o entendimento. Logo que perceberam sua inferioridade militar passaram a negociar com a única coisa que entusiasmava os vencedores: as mulheres. E elas se entregaram de bom grado. Cabeza de Vaca nos conta que as nativas não eram rebeldes ao comércio, pois “de costume não são escassas de suas pessoas e têm por grande afronta negar-se a que lhes peça e dizem para que lhe deram senão para aquilo”.

Tamanha intensidade nas trocas espalhou entre os índios as pestes que dizimaram boa parte da população. Aproveitando-se da falta de imunidade para a varíola, sarampo, tubérculos, gripe, cáries, gonorreia e outros males, a morte fez grande colheita. Em contrapartida, os conquistadores conheceram a sífilis, uma contribuição americana à patologia mundial. Conhecida como mal gálico ou mal de Nápoles (os franceses diziam que vinha da França), fez estragos imensos e

duradouros. No rol de ilustres infectados da época figura don Pedro de Mendoza, o primeiro fundador de Buenos Aires. Há quem afirme que a loucura e o fim do próprio Cabeza de Vaca foi a doença. Voltaire, em seu Cândido, diz pela boca de Pangloss que o primeiro europeu a contrair sífilis foi Cristóvão Colombo.

Desfeito o equívoco sobre o Peru, esta região mergulhou em profundo esquecimento. O caminho de Peabiru voltou a ser utilizado apenas pelos índios e raros europeus que usavam o porto de São Vicente no contacto com Assunção. Cabeza de Vaca chegou a tomar posse do Paraná em nome da Espanha, proclamando a Província de Vera. Mas não prosperaram seus esforços. Foi deposto, em Assunção, por Domingos de Irala, que o enviou preso e acorrentado de volta a Sevilha. As primeiras povoações europeias foram assentadas pelos espanhóis em nossa margem do rio Paraná. Ontiveros, Ciudad Real del Guairá, Villa Rica del Espirictou Sancto, mais tarde transformadas em reduções pelos jesuítas e destruídas pelos bandeirantes.

Ficaram as marcas dos pioneiros que chegaram a estas terras logo depois do descobrimento. Nos cultos, na mestiçagem, nas lendas, nas crônicas que nos legaram imagens dos primórdios da Paraná. Nas narrativas de hábitos e costumes que certamente permaneceram, sorrateiros, em todos os que vieram depois. O Peabiru, então, já era conhecido como caminho de São Tomé, rebatizado pelos jesuítas em homenagem ao santo depródiga chatice que queria ver para crer. ☀

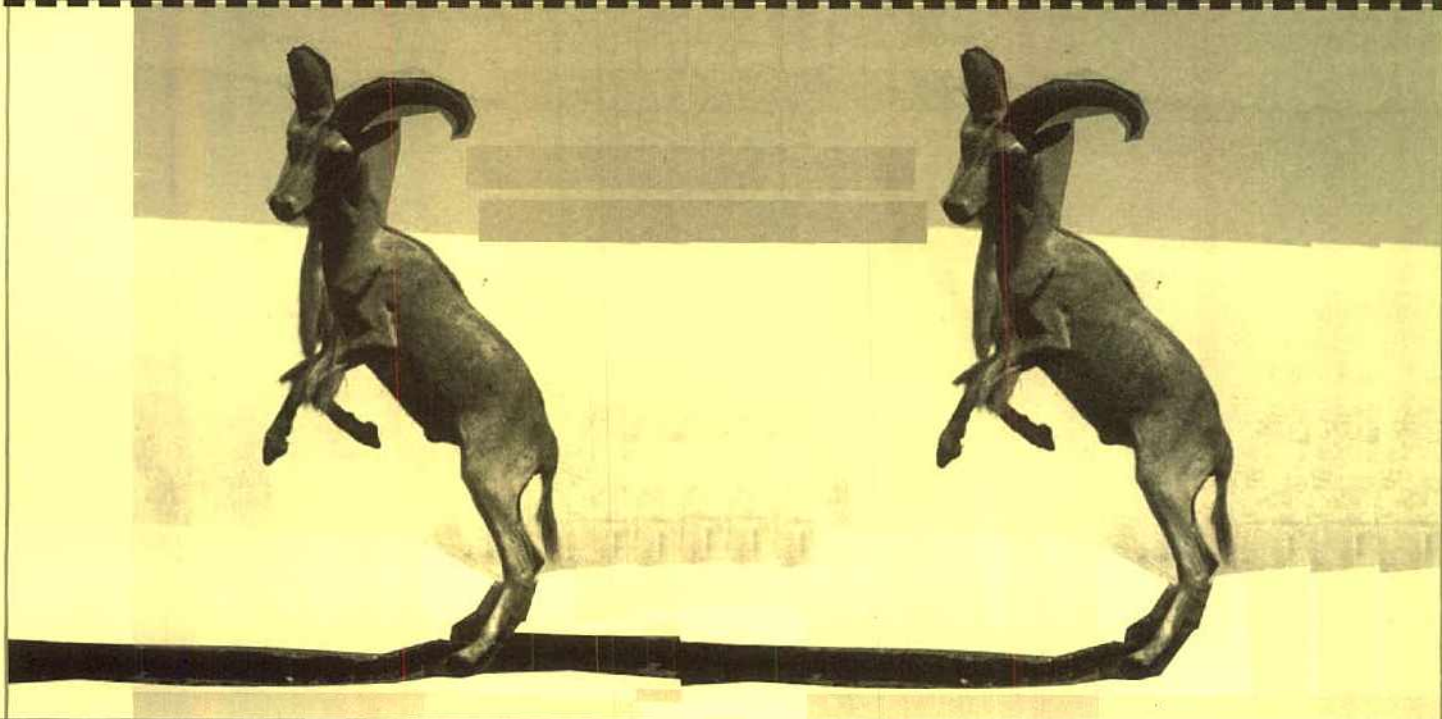


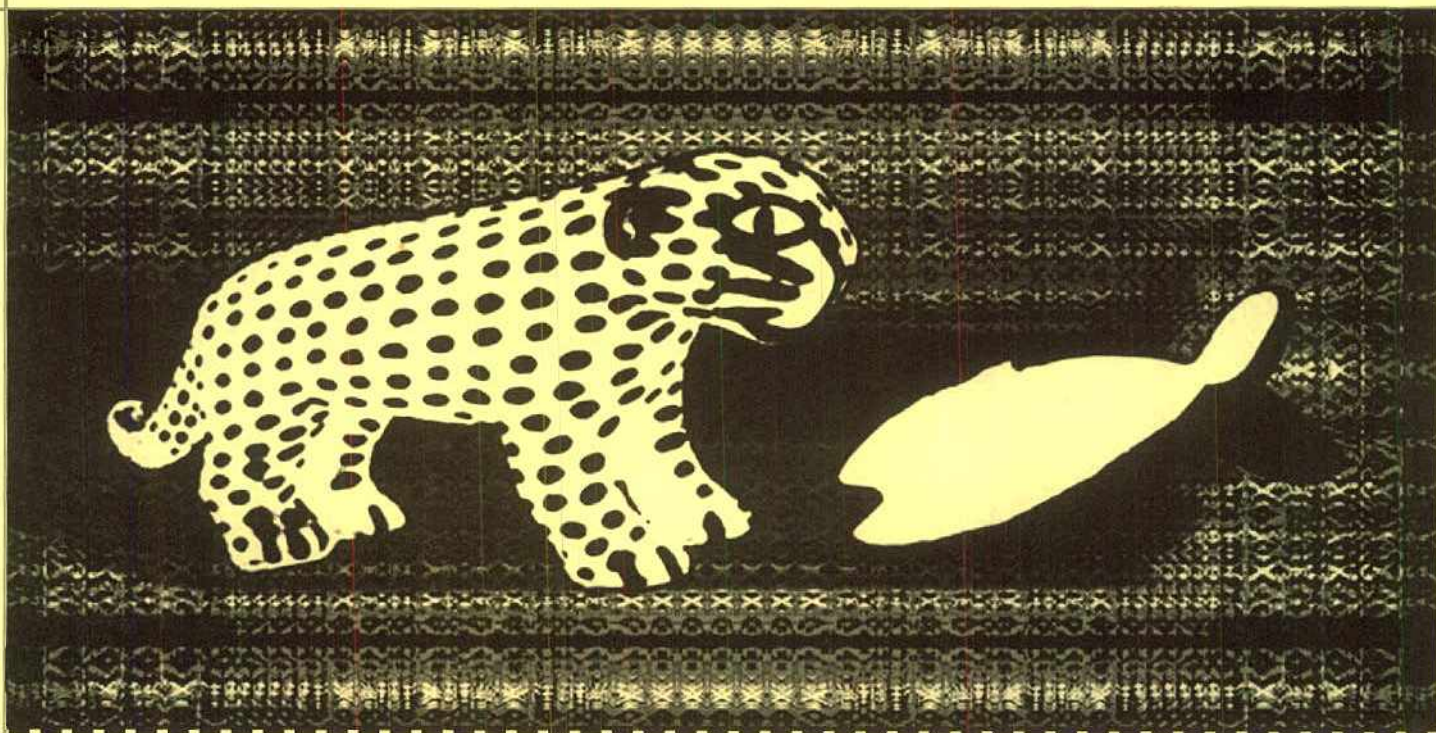
Fábio Campana é escritor e jornalista em Curitiba, Pr.

ACESSE CULTURA

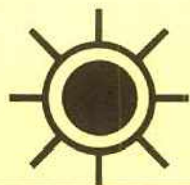
www.guata.com.br

artes, memórias, linguagens e leituras. tudo no plural.





olhos sopo



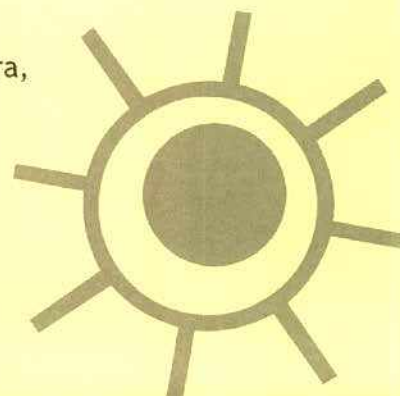
Desenhos de **Claudio Siqueira**
Designer Gráfico e estudante de Antropologia na UNILA
em Foz do Iguaçu, PR.

Pintura e colagem digital em preto e branco



Olor a hierbas

Fotografia de Daiane Pereira Rodrigues, brasileira,
tradutora literária, radicada em Assunção, PY.



Despertate, pueblo, despertate!

Últimamente es común encontrarse con personas parcialmente bien informadas pero con escasa sustancia humana, que hablan y "piensan" a nivel superficial porque no son capaces de analizar lo esencial de aquello que perciben. Buenos profesionales en su área pero fuera de ella perdidos, sin ideas claras, ni convicciones, ni opiniones interesantes. Seres humanos triviales, ligeros y sometidos, totalmente esclavos de este sistema hartamente fracasado en donde te enseñan que triunfar en la vida es tener fama, poder, relevancia social y claro: dinero.

Es aterrador como te adiestran a mantenerte frívolo y ocupado, sin tener tiempo para concebir de que el progreso material por si mismo no colma los deseos más profundos del ser humano cualquiera sea su tiempo, filosofía, religión o modo de pensar.

Aspiraciones tan transcendentales como la libertad, pero no cualquiera sino la genuina, la que todos llevamos dentro al aflorar.

Esa libertad que nos hace grandes. Ese albedrio interior que surge a medida que vamos descubriendo de dónde venimos. Esa libertad verdadera que depende de lo que realmente somos o queremos ser y la que nos impulsa a luchar contra la falta de esencia que imponen los tiempos modernos.

Esa libertad que nos ayuda a ser auténticos, a divisar lo sublime de la existencia humana, a comprender las mentiras de la sociedad que nos rodea y abandonar la tendencia ingenua de esperar que todo mejore mañana.

Esa libertad que nos hace dejar de creer para comenzar a PENSAR.

PD: Seremos libres el día que leamos más libros. Pero rápido antes de que pongan una pantalla gigante en el medio de la ciudad para que la masa se entretenga con esos programas televisivos que idiotizan! ☀



Analía Gonzalez Gamez é advogada e atriz em Ciudad del Este, PY.

Ojo de mal cubero

No no no no! Eso no puede ser así bajo ningún punto de vista. Me parece una visión verdaderamente estrecha del caso. Un diagnóstico hecho a primera vista, y no creo que eso pueda funcionar, como el amor, a primera vista me refiero.

Acompañenme en lo que fue la revisión que me ha hecho el oculista. Echemos un vistazo a lo ocurrido y veamos si realmente hay fundamento para decir así, como quien ve llover, que no tengo nada grave en la vista.

Oculista_ ¿Ve usted mosquillas? (el oculista era español)

Yo_ No, no veo mosquillas porque no las hay. Seguramente si las hubiera las vería ¿a qué viene la pregunta? (yo, argentina)

Oculista_ Es para descartar posibilidades

Yo_ Es que las posibilidades de ver mosquillas en pleno invierno y con todas las ventanas cerradas, ya me dirá usted, pero vaya, no lo veo muy posible.

Oculista_ Mejor así, mejor así...

Yo_ ¿Mejor? ¿Qué quiere decir con mejor? ¿No pretenderá usted que lo mío no es grave? Se lo pregunto porque tengo la certeza de que lo mío es, sino grave del todo grave, al menos preocupante. Tengo la vista estropeada Doctor. Y si usted necesita que yo vea mosquillas para darme un diagnóstico que muestre lo que en verdad salta a la vista. Pues entonces veo mosquillas...es más, ahora mismo estoy viendo varias...

Oculista_ Tranquilícese, usted no tiene nada, ambos ojos están en perfectas condiciones.

Y luego prosiguió aclarando que no hacía falta siquiera tomarme la presión ocular, porque la presión ocular no duele, y si lo que yo siento es dolor entonces seguramente se trata de otra cosa. Otra cosa. Ja, otra cosa. Que no tengo nada me dijo... y eso, sencillamente no puede ser. Porque yo veo diferente, siento cosas cuando miro, y me duele, si, me duele bastante. Acepto lo de la presión ocular. Pero no acepto lo de nada, lo de que a lo mejor por momentos tengo un poco de sequedad. Y mucho menos acepto que la solución sean lágrimas artificiales.

No voy a comprar lágrimas en la

farmacia, me niego a semejante despropósito.

Porque a mí me duele y cuando algo duele se supone que al final siempre se acaba por llorar, por mucho que retrasemos ese vistoso momento (aquí es donde me detuve. Vistoso no me pareció realmente el adjetivo adecuado para un momento de verdadero dolor inundado por el llanto, no era vistoso lo que en verdad le iba al hecho inevitable de acabar llorando, y sentí que en mi afán por los juegos de palabras estaba siendo irrespetuosa con la tristeza, o al menos con su lado más acuoso, por lo que ahí fue donde me detuve, me hice un café americano y decidí comenzar un nuevo texto que nada tuviera que ver con ojos, oculistas y vistazos, y que a simple vista pudiera parecer un texto inútil en su contenido, pero que ocultase algo profundo, una vez más temí que me tomaran por una idiota, una escritora que cree que lo que escribe es importante, así que me dispuse a que realmente lo fuera, algo importante digo, me dispuse, no es que realmente lo lograra) Y lloré, un poquito lloré sobre el café, y algo de ese dolor se disipó.

Visto lo visto, a otra cosa mariposa.

● Isabel Sala é atriz e diretora de teatro em Buenos Aires, Argentina.

Missão cumprida

Chegou na penúltima década de século XX. Não gostou de muitas coisas. A sua era uma cidade planejada e limpa. As pessoas se orgulhavam do antigo título: Cidade mais limpa do estado. Até os jovens ainda tinham pudor em jogar na calçada os papéis de bala. Havia praças. As crianças tentavam apanhar os pombos. Sob as árvores, aposentados passavam o dia em intermináveis partidas. Jogavam por poucas moedas e muito prazer. Aqui, viu-se obrigada a remexer no lixo. Enfrentou matagais, inundações e epidemias. Fugiu de tiroteios. Transgrediu, por força, muitas leis.

Era por amor. Acreditava nisso. Seguiu-o por veredas escuras e sinuosas. Suportou a dor do descaso, resistiu ao veneno da traição e superou o câncer dos vícios. Amava. Amava e combatia na fronteira desvalida.

Numa noite quente e abafada, insone, esperou por ele. O latido da cachorrada da vizinhança antecipava o som trôpego de seus passos. Imprecações resmungadas

interrompiam a cantilena ébria. Empurraria a porta e se apoiaria no batente. Olharia para ela que diria: “Meu amor!” Estava demorando, porém, mais que de costume. “Até quando meu Deus?”. Foi para a janela. Nada. Nada se movia. Não podia ver o céu dali. Viu as luzes da viatura que se aproximava devagar. Parou em frente de sua casa. Bastou-lhe. Fechou a janela. Pegou a valise pesada e saiu pelos fundos. Foi para bem longe. Não enterrou seu amado.

Treze anos depois, voltou. Passeou por aí. Reconheceu pequenas mudanças. Achou ridícula a Praça da Índia. Um desaforo para história de amor tão bonita. Ali seu projeto havia perdido a vez. Mas havia ainda muitos outros bons lugares. Pagou muito caro por eles. E transformou-os em amplos espaços arborizados e iluminados. Dizem que enfrentou muita fúria, mas ninguém conseguiu descobrir a fonte de sua riqueza. Nem por que gastou tudo que possuía na construção de chafarizes, lagos, passarelas e jardins.

Sete praças. Duas na Avenida

Paraná. Duas na Avenida Costa e Silva. Uma na República Argentina. Outra na Rua Manoel Moreira Andrion. E, a maior e mais bonita, que fica na Avenida Felipe Wandscheer. Dali tem-se uma linda vista da cidade. É a sua preferida.

Os turistas encontram-na em meio ao verde, pincelando cenas românticas. Suas telas ganharam o mundo e lhe trouxeram fama. Mas, ela não se deixou arrebatar. Dorme ao relento. Banha-se nas fontes que construiu. Fala apenas consigo mesma.

Ontem, a TV local mostrou-a em reportagem especial. Estava pintando um rio margeado por vegetação exuberante. Embarcações coloridas seguiam a correnteza. Então, suavemente ela foi inserindo traços tênues, como se fizesse um retoque na pintura. A repórter, editando em close, sugeriu que fosse mais um barquinho... Era um caixão!

Sem uma palavra, a artista recolheu seus apetrechos e... Foi-se. ☼



Beth Vilasboas é servidora pública estadual em Foz do Iguaçu, PR.



Egoístas

Desenho a lápis de Vânia Pierozan,
design gráfico e educadora em Porto Alegre, RS.

De um futuro que a gente nunca deixou passar

O tempo passou e nunca deixamos de notar. Nós passamos por frentes frias e percebemos. "Nós não sabemos o dia de amanhã", eu dizia. Em antítese, completava "Nosso para sempre vai durar." porque afinal, isto era a única coisa sólida que tínhamos na vida. Mas o tempo passou e não levantamos do sofá. O outono veio e nós nem saímos lá fora para recolher as folhas caídas. O tempo passou, mas ainda escuto os fogos de artifício do ano novo. Nós tentamos explicar como é que paramos de prestar atenção no que acontecia em nossa volta para focar em quanto tempo passava até o nosso último "Mais que tudo, você sabe!". Não ousamos pedir uma terceira chance para o destino porque nossa mente ainda gagueja sobre o passado. A nossa fala falha e nós também falhamos. Enquanto contávamos os dias, o mundo lá fora desabava. Enquanto tomávamos chá para tentar disfarçar o gosto amargo que o tempo deixa em nossas bocas, o futuro ia se desfazendo. E o que fizemos para reconstruí-lo? Nada. Apenas alimentamos nossas memórias enquanto prometíamos que nos desentortariamos, mas continuamos seguindo o caminho errado. O meu caminho era incerto, o teu era incerto e mesmo assim, você nunca mais conseguiu me alcançar.



Nathália Vieira é estudante do ensino médio em Foz do Iguaçu, PR.

VENHA PARA O

Chapa

**Restaurante,
Churrascaria
& Pizzaria**

Aberto aos domingos

TELEFONE

(45) 3027.5906

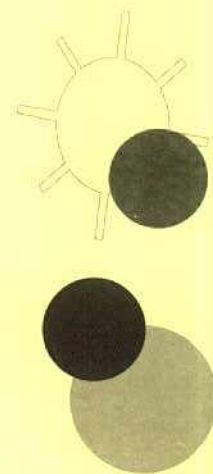
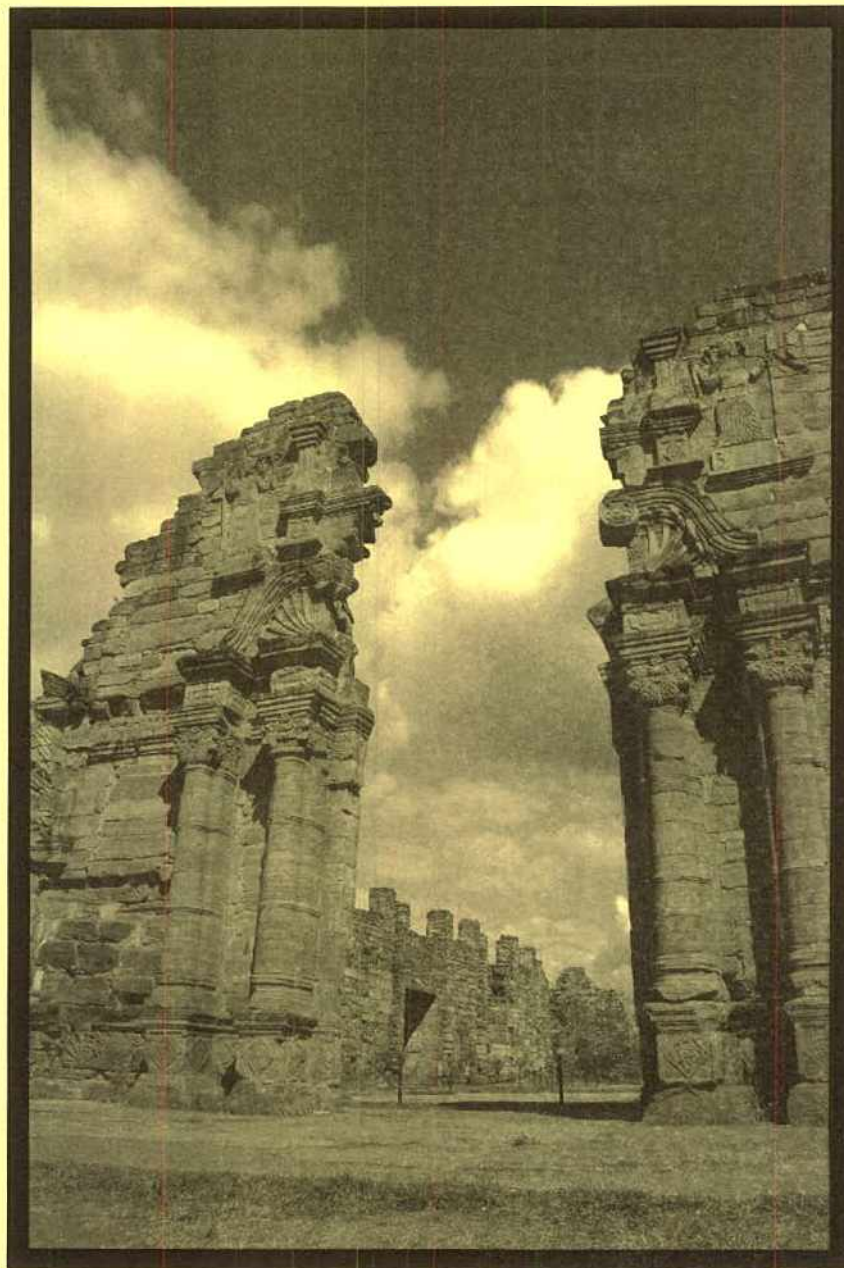
R. Bartolomeu de Gusmão, 1014
Centro - Foz do Iguaçu, Pr.
restaurantechapa@hotmail.com

H2FOZ

**O portal
das Cataratas**



WWW.H2FOZ.COM.BR



**olhos
souple**

ao tempo

Ruínas de San Ignacio Mini, Posadas, Argentina,
fotografadas por **Denise Paro**,
jornalista e professora universitária em Foz do Iguaçu, PR.

O palhaço

o palhaço entra no ônibus
cara pintada,
não paga a passagem
pula de carro em outro
o dia inteiro
passa o chapéu
aos passageiros cansados
no fim do dia, chove
a chuva lava a tinta branca
do rosto suado
e o palhaço vai sentado
já pagou ao cobrador
agora é passageiro prendado

ludmila rodrigues

abandono

É como um punhado de amoras prestes a virar suco adocicado. Cada uma delas ali, com suas miúdas partículas redondas compondo um todo: o fruto. Até que vem a fusão — estraçalham-se nas navalhas do liquidificador e, a partir de então, o abandono é para sempre. Não podem nunca mais voltar à primitividade da fruta: são, para toda a vida, um grosso sumo roxo, indissociável. Assim é o abandono: não se volta e, simplesmente, acontece. É natural, selvagememente natural. Se abandona. E há que beber o suco, há que seguir com as amoras mortas em forma e vivas em essência no que de mais verdadeiramente vital há em nós: o sangue.



Ludmila Rodrigues é escritora em Salvador, BA

M.P.L.A
apresenta:

Cecilia Pahl

lançando o cd
"Corochiré",
dedicado a obra
de Ramón Ayala.

Acompanhamento de
MATIAS ARRIAZU
violonista e arranjador.

Na Argentina

Posadas
7 de julho
No ESMU
Colón y Roque Perez

Puerto Iguazu
8 de julho
Hotel Saint George:
Av. Córdoba, 148

No Brasil

Foz do Iguaçu
10 de julho
ZEPPELIN OLD BAR
Raul de Mattos, 222
Reservas
e vendas antecipadas:
(45) 3523.1804



El árbol, ya no solo

Libre y eterna palabra del poeta,
de pie sobre el pétalo de oro
de una flor no descubierta,
Daniel Stéfani contempla en actitud alerta
a un gigante de su selva separado.

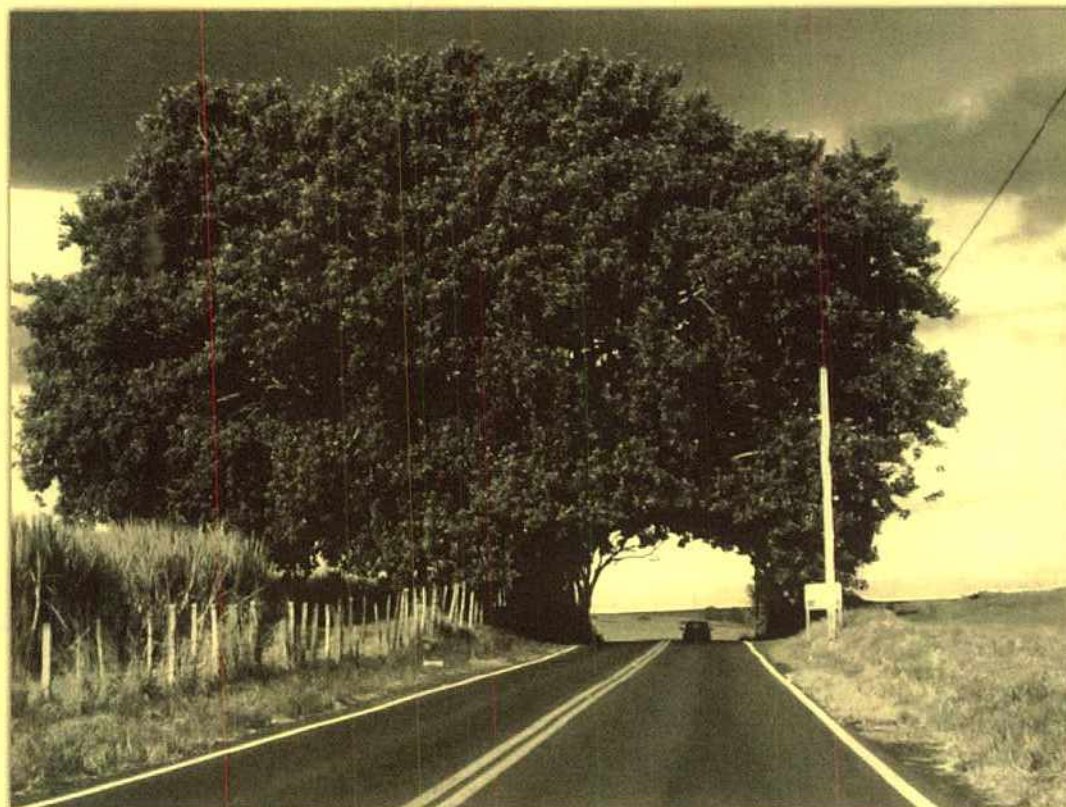
Presente en un espacio despojado,
desnudo de follaje e ignorado,
no quiso el árbol conocer la suerte
a la que el hombre lo había abandonado.

De sus labios entreabiertos parten versos,
los repite una y otra vez el poeta,
sin quitar sus ojos tiernos del cielo
que el árbol y su palabra ya comparten,
sabiendo lo que le espera al gigante,
extiende sus ramas en un abrazo urgente.
Árbol-poeta, poeta-árbol
no ya vegetal y humano,
ellos juntos son la tierra misionera.



Claudio Salvador é jornalista e ambientalista em Puerto Iguazu, Argentina.

soujo



figueira

Fotografia de Cleber Rodrigo P. Pavão, fisioterapeuta em Matão, SP.



El bosque de la vida

Busqué la guma de los hombres.
Fui por el carril del mundo
pero igual salieron a mi encuentro
fogonazos y lamparas portadas por personas
que erraron el camino y me pedían
la dirección exacta de la Cruz del Sur.

Volviéronse en mi contra las secales.

Las puertas que buscaba se ausentaron.

Y enfermas de silencio las aldabas
no respondían nunca a mis urgencias.

Pero las garzas me indicaron tibias
pisadas en las playas y los bzhos

caída ya la noche con chistidos
al bosque de la vida me llevaron.

Allí sentí el aliento del lucero.

Y el beso de una estrella abrió mi boca.
Amém.

Marcha lunar

Antes a tormenta a romper a manhã
ondas de metal batendo nas pedras
Arrebentação e o vento
trazendo melodias vagas, indecisas

Imprecisão das sombras, movimento,
convulsões do ritmo
E as imprecações dos céus
desabando os vagalhões da aurora

A lua de metal
derrama sangue acrílico nas vagas
Meu corpo sente o toque frio
do raio prateado
Mercúrio nas veias

Lunar metabolismo tântrico
Lunar antropomorfo arquétipo
Mãe de todos
e para cada um
um rosto indistinto na neblina
Amém.

olhos & palavras

- ☀ Delfina Acosta é jornalista em Assunção, PY.
- ☀ Francisca Messa é dona-de-casa e escritora em Porto Alegre, RS.
- ☀ Negendre Arbo é músico em Foz do Iguaçu, PR.
- ☀ Virgínia Allan é escritora e radialista em Manaus, AM.
- ☀ Yuma Martellanz, italiana, é cozinheira e fotógrafa.
- Trabalha a bordo de um veleiro em alto mar.



Virginia Allan

Coloridas
Geométricas
Pipas
Dobraduras japonesas
Delicadas rendas inglesas
Indestrutível diamante
Milenares pirâmides
Nas areias de um Egito distante
Um ovo de porcelana,
De plástico ou de chocolate
Um porta-jóia raro
Em forma de ovo

Dentro do ovo
Um coração bobo

Boca aberta
Sonolenta da noite...!



Foto: Yuma Martellanz



Roda viva

Sinta-se a vontade na vida
Você chegou no mundo nu
Tendo que chorar, com pena
De levar um tapa na nádega
Entramos nessa roda viva
Sujeito a dançar conforme
A música executada na hora
Crescemos, estudamos
De acordo com a situação
Financeira de nossa família
Sujeitos à intempéries da época
Nossa sociedade é exigente
Com referencia a figurino
O luxo custa caro
E o dinheiro é vil metal
Nem todos são bem remunerados
Generosamente nesse mundo
Temos que nos virar
Para sobreviver nessa
Roda Viva chamada existência!

Francisca Messa

Impressão colorida laser
Encadernação
Plastificação
Laminação
Crachá
Cópia

**Til
Reprografia**

til@tilreprografia.com.br
3572 8703 | Av. Paraná 960
www.tilreprografia.com.br

SuQtel

FOZ DO IGUAÇU
Rua Quintino Bocaiúva, 653
Telefone: (45) 3572.5272

Rua Xavier da Silva, 649
Telefone: (45) 3523.9101

JOINVILLE - SC
Rua XV de Novembro, 640
Telefone: (47) 3433.4650

BLUMENAU - SC
Rua XV de Novembro, 1422
Telefone: (47) 3336.0975

um toque

Paulo Bogler

Babel

Em *Cartas Persas* é narrada a viagem de dois amigos, *Rica* e *Usbeck*, a Paris. Correspondendo com colegas, os viajantes revelam o contato tomado com um mundo novo e diferente. O enredo metafórico criado no século dezoito pelo filósofo francês *Montesquieu*, sobretudo, ajuda a entender que não há hierarquia entre as culturas e a questionar o pretensão alcance absoluto de determinadas referências e valores humanos.

As diferenças e semelhanças entre a organização social, os modos, costumes e práticas de orientais e ocidentais percebidas pelos viajantes persas na ficção de *Montesquieu*, alimentam as valiosas dialéticas da vida e enriquecem as experiências que compõem a nossa história.

Somos quem somos, ou, dito de outra forma, *não somos os outros* pela prerrogativa humana da diferença, variedade de línguas, identidades, expressões artísticas e culturais, entre outras formas de capturar a vida. No atual momento

do mundo, de domínio da técnica que permitiu o estabelecimento de ligações e comunicações globais, plenas e instantâneas, o homem ainda é incapaz de aceitar integralmente a dessemelhança e tem limitações ao lidar coma as representações e imagens que reflitam um modo de ser e estar no mundo distinto do seu. Desta contradição, as mais das vezes, surgem o preconceito, o racismo, a xenofobia, a violência.

A visão do bárbaro se lança sobre tudo aquilo que nos é superficialmente estranho, condicionados que somos por comportamentos e padrões ditados pela frivolidade do consumo e naturalizados pela cultura de massas.

Mas o repertório do teatro humano, pois, só se constitui através do acúmulo de trocas e conexões que os seres empreendem entre si, por meio da pluralidade e do diálogo intercultural. Não há nada que amplifique e renove mais esse acervo de conhecimento, registro e apropriação cultural que o intercâmbio e a integração entre as pessoas.

A convivência nos ajuda a andar para frente e a vencer o espanto. Compartilhar a vida, receber e reconhecer as expressões de outros povos e culturas são alguns princípios fundadores de uma sociedade livre e democrática. ☀



Paulo Bogler é ativista cultural, diretor da Guatá, em Foz do Iguaçu, Pr.

Você decide? Quem lê IDEIAS, sim.

Mais de 20 mil pessoas leem a revista
Ideias e decidem os rumos do Estado.
Seja uma delas: assine e decida.

PROMOÇÃO ESPECIAL

Assinatura de 1 ano - 12 edições

Desconto de
R\$ 90 25%

Assinatura de 2 anos - 24 edições

Desconto de
R\$ 120 50%

PERFIL DOS LEITORES



87% Classe A
13% Classe B



65% homens
35% mulheres



76% têm função diretiva
(Paraná Pesquisas)

IDEIAS
Leia para saber

ASSINE
para saber sempre

Para assinar: 41 3079.9997 / assinatura@revistaideias.com.br

RESTAURANTE
**Sabor Mais
NATURAL**

*Uma opção saudável,
pertinho de você!*

Venha provar
e se deliciar!

Tel. (45) 3025-5700

Segunda à sábado:
das 11h às 14h30m

Rua Almirante Barroso, 1466 - Sala 4 - Galeria Viela - Foz - PR
www.sabormaisnatural.com.br

Cardápios elaborados e supervisionados por nutricionista.


ideal
IND. GRÁFICA

45 3523 7176 / 3028 7176

graficaideal@compubras.com.br

Av dos Imigrantes, 81 | Vila Yolanda
Foz do Iguaçu - PR

City Hair
CABELEIREIROS

Agende-se: Tel: 3572.1875

E-mail: cityhaircabeleireiros@hotmail.com

HORÁRIO DE ATENDIMENTO:
DE TERÇA A SÁBADO, DAS 9 ÀS 19 HORAS.

A arte na cabeça!

Quintino Bocaiúva, 1102
Centro - Foz do Iguaçu

CORTE MASCULINO E FEMININO
HOMBRE HAIR - PENTEADOS - MAQUIAGEM
DIA DA NOIVA - DEPILAÇÃO - PEDICURE - MANICURE
ESCOVA - ESCOVA PROGRESSIVA E DEFINITIVA - HIDRATAÇÃO
CAUTERIZAÇÃO - LUZES - MECHAS PAPELOTE - CALIFORNIANA

Uma vida Feliz é cheia
de histórias. E de saúde.

Quem faz um plano de saúde Itamed tem à sua disposição a confiança do Hospital
Costa Cavalcanti, referência em toda a região. E, além de profissionais altamente
especializados e da estrutura mais moderna e completa, dispõe ainda de cobertura
para urgências e emergências em todo o Brasil*.
Fique tranquilo para viver as suas melhores histórias.



ITAMED

Plano de Saúde do
Hospital Ministro Costa Cavalcanti

Faça um plano Itamed. (45) 3576.8005 | www.itamed.com.br